

O JORNALISMO COMO ALVO: *Weaponization* e a terceira onda de Populismo no Brasil ¹

The Journalism as a target: Weaponization and the third wave of populism in Brazil

Beatriz de Assis Becerra²

Resumo: A terceira onda populista identificada na última década alcançou diversos países no globo com lideranças políticas de extrema direita (far-right) que evocam o poder legítimo que emana do povo e propõe soluções centradas na figura do líder (Mudde e Kaltwasser, 2017; Mudde, 2019; Inglehart e Norris, 2019). Essa postura gera ataques diretos às instituições democráticas, tanto de accountability vertical quanto horizontal. (O'Donnell, 1998). Assim, o presente artigo possui o objetivo de analisar como o presidente Jair Bolsonaro se enquadra nesse conjunto de líderes a partir da análise de seus discursos em lives e como esses espaços são utilizados para travar embates com a imprensa e se esse embates fazem uso de weaponization. Os dados encontrados apontam que o ex-presidente fez uso de weaponization do termo fake news, além de outros modos de ataque contra a imprensa e contribuem para a compreensão da comunicação digital de Jair Bolsonaro e sua relação com a imprensa brasileira.

Palavras-Chave: Populismo Autoritário; Fake News; Imprensa.

Abstract: The third wave of populism identified in the last decade has reached several countries around the globe, with far-right political leaders who evoke the legitimate power that emanates from the people and propose solutions centered on the figure of the leader (Mudde and Kaltwasser, 2017; Mudde, 2019; Inglehart and Norris, 2019). This posture generates direct attacks on democratic institutions, both vertical and horizontal accountability. (O'Donnell, 1998). Thus, the present article aims to analyze how President Jair Bolsonaro fits into this group of leaders based on the analysis of his speeches in live streams and how these spaces are used to engage in debates with the press and whether these debates make use of weaponization. The data found indicate that the former president made use of weaponization of the term fake news, as well as other modes of attack against the press, contributing to the understanding of Jair Bolsonaro's digital communication and his relationship with the Brazilian press.

Keywords: Authoritarian Populism; Fake News; Press.

¹ Trabalho apresentado à Sessão Discurso e representação política da 10^a Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (10^a COMPOLÍTICA), realizado na Universidade Federal do Ceará (UFC), 09 a 10 de maio de 2023.

²Beatriz de Assis Becerra, graduação em Ciências Sociais na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar); beatrizbecerra@estudante.ufscar.br.

1. Introdução

A terceira onda de populismo chegou a diversos países do globo com lideranças que se intitulam representantes da vontade geral do povo comum e se propõe a combater elites corruptas e degeneradas a partir de uma orientação ideológica identificada enquanto *far-right* ou extrema direita (MUDDE; KALTWASSER, 2019). No Brasil, Jair Messias Bolsonaro, assim como outras lideranças enquadradas neste perfil, chega à presidência em uma conjuntura político-social instável, com descrédito de partidos e quadros políticos tradicionais, e diante de um clima de opinião atravessado por escândalos de corrupção (ENGESSER; FAWZI; LARSSON, 2017).

Jair Bolsonaro nunca se esquivou de embates morais durante sua vida política, nestes ele se posicionava enquanto um homem militar, cristão, defensor dos valores reacionários, em contraposição de uma dita “modernização social” que degenera a sociedade brasileira. Suas características ideacionalmente ufanistas tendem a exaltar os feitos; a organização; e as lideranças do período da Ditadura Militar no Brasil. (LYNCH; CASEMIRO, 2022) No que tange sua campanha presidencial em 2018, Jair Bolsonaro fazia uso de uma comunicação considerada moderadamente populista (TAMAKI; BRAGA; FUKS, 2021), mas é ao adentrar no executivo que esta ganha novas proporções integrando estas estratégias a diferentes meios e ações comunicacionais, marcadas pelo enfrentamento público e ataques às instituições, organizações e atores de veto e *accountability*. Entre estes, a imprensa .

A imprensa é parte do *accountability* porque compõe, junto com outros atores sociais, a estrutura de freios e contrapesos vertical necessária para o bom funcionamento da democracia. (O’DONNELL, 1998) Neste sentido, alguns aspectos de sua constituição são relevantes. Entre eles, destacamos dois: a diversidade de informação e a postura de desconfiança e *advocacy* (DAHL, 2005; MCQUAIL, 2012; WAISBORD, 2013; NORRIS, 2014). Neste segundo ponto, a imprensa teria um papel central de, por meio da circulação de informações, fiscalizar o trabalho dos poderes políticos a fim de dar transparência às ações públicas e proteger a

sociedade da tirania, dentro daquilo que é intitulado de watchdog (ALBUQUERQUE, 2000; AZEVEDO, 2006). Assim, seria um cão de guarda das liberdades e direitos dos cidadãos e grupos.

A grande questão é que essa mesma grande imprensa alinhada ao pensamento liberal conservador (AZEVEDO, 2017) hoje é alvo de críticas de grupos e lideranças políticas de direita no país. Mazzoleni (2019) aponta que a busca pela desintermediação, que pode ser qualificada enquanto um fuga dos *gatekeepers* da mídia tradicional, é característico de lideranças populistas.

Portanto, cabe investigar se e em que medida nas comunicações presidenciais de Jair Bolsonaro, atreladas ao fenômeno da terceira onda do populismo, a imprensa é um alvo de ataques - ou seja, se elas estão incluídas no "eles". Para tanto, buscaremos identificar também quais as estratégias de desqualificação, acrescentando aqui um segundo movimento teórico importante: a questão do uso do rótulo de fake news para deslegitimar a oposição ou atores de autoridade política como a imprensa, fenômeno identificado como *weaponization* (FARHALL et al, 2019).

Para tratar do conceito de populismo na contemporaneidade e relacioná-lo à comunicação política do presidente Bolsonaro, faremos uso de duas correntes teóricas: a comunicacional, no que tange a construção de uma cultura antidemocrática e de enfrentamento das estruturas políticas democráticas (INGLEHART E NORRIS, 2019); e a corrente ideacional, para compreensão do populismo enquanto uma ideologia porosa, que pode-se somar a outras e gerar fenômenos diversos que promovem a polarização social do nós *versus* eles (MUDDE E KALTWASSER, 2017).

Mudde e Kaltwasser (2017) concebem o fenômeno populista enquanto uma *thin-centered ideology* fundamentada no antagonismo social representado pela divisão *nós versus eles*. Dessa forma, a nação seria fragmentada entre um "povo" - puro e dotado de características positivas/virtuosas - e uma "elite" (econômica; judiciária; cultural) corrupta. O líder populista surge nesse contexto como único representante legítimo deste povo. (MUDDE E KALTWASSER, 2017).

Parte fundamental da corrente comunicacional, utilizada neste trabalho, é que ao estimular o dissenso intra social, o líder populista de direita age na deslegitimação das outras estruturas políticas de poder estabelecidas na democracia liberal. De tal forma que estes se aproximaram de uma cultura antidemocrática. Seriam esses líderes que, fazendo uso das ferramentas produzidas pela democracia, atacam suas instituições e contribuíram para seu enfraquecimento (INGLEHART, NORRIS, 2019). As contribuições de ambas correntes, - ideacional e comunicacional -, produzem uma síntese de que a liderança populista produz um dissenso social fragmentando a sociedade naquilo que seria o nós *versus* eles, e em sua configuração mais recente e de direita, promove um enfrentamento antidemocrático das estruturas políticas de controle e veto, uma vez que estas instituições são posicionadas no *eles*.

Para realizar esta investigação, os materiais principais desta pesquisa são os vídeos das transmissões online realizadas pelo presidente da república - no ano de 2019 - e que estavam disponíveis no seu canal oficial na plataforma Youtube no momento da coleta³. Apesar de constituir um período de 42 semanas, houveram meses em que a periodicidade de realização das transmissões foi menor que semanal, podendo ser causada pela não realização ou exclusão do arquivo. Portanto, ao todo, o corpus analisado será constituído de 31 arquivos coletados e transcritos com o auxílio de ferramentas computacionais. Para auxiliar com as transcrições foi utilizado o aplicativo *transkriptor*. Para que haja a investigação de possíveis ataques a imprensa brasileira em suas transmissões ao vivo semanais que podem caracterizar um populismo do presidente Bolsonaro, fez-se necessária uma análise de conteúdo mista combinando análise lexicométrica e qualitativa (BARDIN, 2008; SAMPAIO E LYCARIÃO, 2018). Para tanto, combinamos a codificação humana com análise automatizada a partir do uso de dois softwares - o IRAMUTEQ e o MAXQDA. Para a parte qualitativa, utilizaremos ainda o teste de replicabilidade de uma amostragem do material codificado, para garantir a estabilidade e replicabilidade dos resultados.

³ O material que constitui o corpus desta pesquisa foi coletado no dia 18 de março de 2022.

Este artigo possui três partes além desta introdução, na seção seguinte iremos construir de maneira mais ampla os conceitos fundamentais utilizados neste artigo, na segunda iremos discutir os resultados obtidos a partir da análise do corpus e por fim refletiremos a respeito de como os resultados obtidos se relacionam com os conceitos de populismo de direita antidemocrático (INGLEHART, NORRIS, 2019), e *weaponization*.

Seção 1) Sedimentando os Conceitos

O populismo não é um conceito fixo, mas disputado por diferentes correntes teóricas ao longo do século XX (CANOVAN, 1981; CANOVAN, 1999; GOMES, 1996; LACLAU, 1980; WEFFORT, 1978). Para tratar o conceito na contemporaneidade e relacioná-lo à comunicação política do presidente Bolsonaro, o presente trabalho se dedica a articular duas delas: a ideacional e a comunicacional.

Iniciada por Laclau em 1980, a corrente ideacional compreende o populismo enquanto um antagonismo intra social baseado no povo - conceito esvaziado e moldado de acordo com o contexto político - contra os poderes estabelecidos. Nesta linha, Mudde e Kaltwasser (2017) concebem contemporaneamente o fenômeno populista enquanto uma *thin-centered ideology*, isto é, uma ideologia “fraca” capaz de se combinar com outras e produzir diferentes fenômenos com fundamentos semelhantes. Um dos fundamentos apresentados por ela é o antagonismo social representado pela divisão nós *versus* eles. Dessa forma, a nação seria fragmentada entre um “povo” - puro e dotado de características positivas/virtuosas - e uma “elite” (econômica; judiciária; cultural) corrupta. O líder populista surge nesse contexto como único representante legítimo do povo, uma vez que mesmo o *establishment* político é posto enquanto traidor e corrupto (MUDDE E KALTWASSER, 2017).

Por sua vez, Inglehart e Norris (2019) apresentam o populismo enquanto um estilo retórico, uma estratégia de comunicação. Aqui, o líder populista também se posiciona enquanto uma figura *outsider* e *anti establishment* que se opõe a uma elite corrupta. E, para reivindicar a autoridade legítima ao povo, admite para si uma estratégia comunicacional que estimula a fragmentação e o dissenso a partir da

deslegitimação das outras estruturas políticas de poder e veto estabelecidas na democracia liberal. Seria neste ponto que diversas lideranças populistas de direita se aproximariam da cultura antidemocrática a partir de uma postura autoritária. Seriam esses líderes que, fazendo uso das ferramentas produzidas pela democracia, atacariam suas instituições e contribuiriam para seu enfraquecimento.

Dessa forma, fica claro que um dos movimentos reconhecidos por diferentes autores, ainda que parte de diferentes correntes teóricas, é a manutenção da polarização nos períodos de governo como uma estratégia importante para a construção da figura do líder populista como única e legítima de representação do povo (ENGESSER; FAWZI; LARSSON, 2017; INGLEHART E NORRIS, 2019; MUDDE, 2019). Assim, a necessidade de construção de um ideário social e político que promova a oposição "povo x elites".

No contexto brasileiro, o que se identificou nos últimos anos foi a postura de um chefe do Executivo que estimulou essa polarização/fragmentação, se colocando em oposição a uma elite corrupta, distante e traidora do povo brasileiro. Parte dessa elite seria composta pelo *establishment* político - supremo tribunal federal, partidos de oposição e órgãos de controle - mas, também, outros sistemas peritos, como a ciência e a imprensa (GIDDENS, 1991; MIGUEL, 2022; MUDDE E KALTWASSER, 2017;)

Esse enquadramento posiciona o presidente então numa postura populista atrelada à cultura antidemocrática, identificada por Inglehart e Norris (2019), pois é construída sobre o ataque contra partes fundamentais do jogo democrático. Entretanto, não cabe dizer que os possíveis posicionamentos do presidente Bolsonaro criam um regime autoritário e populista no Brasil, mas que sua comunicação tem promovido o enfrentamento das instituições democráticas brasileiras responsáveis, por exemplo, pelo controle do próprio poder executivo. Isso estaria de acordo com uma postura em que a solução dos problemas passa pela ação forte, individual e vigorosa do líder que encarna o povo contra tudo e todos, mesmo que para isso, as próprias instituições democráticas sejam subvertidas.

Importante destacar ainda que no esteio da teoria democrática, uma perspectiva relevante versa sobre a importância das instituições e do desenho institucional para o funcionamento da democracia e para garantir a coesão necessária dos atores em disputa pelo poder político no tecido social e nos espaços de representação (O'DONNELL, 1998; STEPAN, 1999). Nesse sentido, a limitação do poder de qualquer um dos poderes estatais, grupos ou players (demos constraining) é condição necessária para a proteção dos atores sociais de uma possível tirania. E, esses controles podem ser definidos a partir de uma estrutura de *accountabilities* horizontais - exercida pelas próprias instituições de mesmo nível do poder central - e verticais - em que há pressão e controle exercido pela participação civil e outras organizações, como a mídia (O'DONNELL, 1998).

Nessas situações, tanto os poderes estabelecidos no mesmo nível do Executivo - como o Legislativo e o Judiciário - quanto os poderes e atores existentes numa relação vertical - como governadores, prefeitos, mas também sociedade civil e imprensa - possuem mecanismos de veto para conter uma postura autoritária do poder central. E a partir desta concepção, é possível qualificar se o enfrentamento destas e entre estas instituições - previsto no jogo democrático - ocorre, de fato, de forma democrática. Ou seja, sem necessariamente gerar um enfrentamento das prerrogativas próprias de cada um.

Pensando especificamente na imprensa, no desenho de *accountabilities*, alguns aspectos são relevantes. Entre eles, destacamos dois: a diversidade de informação e a postura de desconfiança e *advocacy* (DAHL, 2005; MCQUAIL, 2012; WAISBORD, 2013; NORRIS, 2014). Neste segundo ponto, a imprensa teria um papel central de, por meio da circulação de informações, fiscalizar o trabalho dos poderes políticos a fim de dar transparência às ações públicas e proteger a sociedade da tirania, dentro daquilo que é intitulado de *watchdog* (ALBUQUERQUE, 2000; AZEVEDO, 2006). Assim, seria um cão de guarda das liberdades e direitos dos cidadãos e grupos.

Ora, essa atuação não estaria livre de críticas e também de um sistema de responsabilidades. Se, de um lado, a imprensa atuaria atenta ao poder público e

com liberdade de denunciá-lo, por outro, sua ação é fundamentada em regras de apuração, factualidade, veracidade, credibilidade e, no limite, pela responsabilização pública e jurídica diante de seus conteúdos. Soma-se a isso a importância da credibilidade como constrangimento relevante para uma atuação errática da imprensa.

Importante destacar aqui, no entanto, que grande parte da literatura sobre jornalismo político no Brasil nas últimas décadas aponta ainda as tensões que a prática jornalística e o sistema de mídias enfrenta dentro dessa identidade de *watchdog*, ou mesmo, sua impossibilidade de sê-lo pela insustentabilidade da imparcialidade jornalística e diante do alinhamento histórico da grande imprensa com pautas agendas encabeçadas pelas elites e grupos liberais conservadores (AZEVEDO, 2017). A grande questão é que essa mesma grande imprensa alinhada ao ideário liberal conservador hoje é alvo de críticas de grupos e lideranças políticas de direita no país apontando, de um lado, um rompimento desse alinhamento, mas, também de outro, uma ação estratégica dessas lideranças de disputarem o próprio lugar de intermediação das informações que circulam entre representantes e representados (MIGUEL, 2019). Mazzoleni (2019) aponta que a busca pela desintermediação, que pode ser qualificada enquanto um fuga dos gatekeepers da mídia tradicional, é característico de lideranças populistas.

Sendo assim, não é de se espantar que no bojo de ações comunicacionais populistas o enfrentamento da credibilidade e autoridade da imprensa seja uma prática presente. Portanto, cabe investigar se, e em que medida, nas comunicações presidenciais brasileiras atuais, atreladas ao fenômeno da terceira onda do populismo, a imprensa é um alvo de ataques - ou seja, se ela está incluída no “eles”. Para tanto, buscaremos identificar também quais as estratégias de desqualificação, acrescentando aqui um segundo movimento teórico importante: a questão do uso do rótulo de fake news para deslegitimar a oposição ou atores de autoridade política como a imprensa, fenômeno identificado como weaponization (FARHALL et al, 2019).

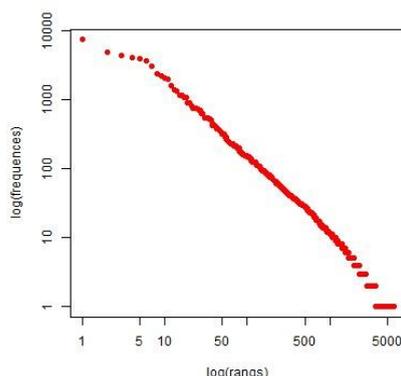
McNair (2018) aponta que weaponization é o uso estratégico do rótulo fake news para fins políticos. Ou seja, neste contexto, o termo serve para qualificar, enquanto falsas, mentirosas, enganadoras as mensagens ou afirmações de opositores políticos e da imprensa - configurando-se em “arma” de luta simbólica contemporânea pela hegemonia de sua forma de interpretação dos acontecimentos (FARKAS e SCHOU, 2018). O ganho político do uso de weaponization seria atacar as bases da facticidade, o que é um elemento fundamental de credibilidade da imprensa, por exemplo, a fim de gerar desconfiança nas audiências e, com isso, enfraquecer o papel do sistema midiático nas relações de controle do poder político. Esta estratégia discursiva impacta diretamente a democracia liberal não só pelo foco no sistema midiático, mas também no que tange os fundamentos da coexistência e livre manifestação de diversas perspectivas, além da transparência e diversidade de fontes de informação. (DAHL, 2005; FARHALL et al, 2019, p.2)

Alcott e Gentzkow (2017) apontam que um ambiente de alta incerteza amplia o sentimento de ansiedade das populações e diminui a qualidade da tomada de decisões por parte das audiências que passam a se apegar mais aos seus parâmetros de utilidade subjetivas e menos à factualidade. Além disso, a relação com o campo político passa por ações orientadas por raiva, preconceitos e mentiras. (BENNETT e LIVINGSTON, 2018). Assim há uma convergência entre o conceito de desinformação produzido a partir da predominância da passionalidade e do universo de referências subjetivo sobre a factualidade no contexto de desinformação, e a comunicação populista da qual Engesser, Fawzi e Larsson (2017) definem como essencialmente simplista, emocional e negativa. (p.7)

Na próxima seção, buscaremos analisar e qualificar a compreensão de como este fenômeno pode ou não se manifestar no Brasil, com o governo Bolsonaro e sua comunicação direta ao público por meio da análise de conteúdo das transmissões ao vivo semanais oficiais do ano de 2019, considerando assim a relevância do ambiente digital neste fenômeno.

Seção 2) O caminho das “pedras”

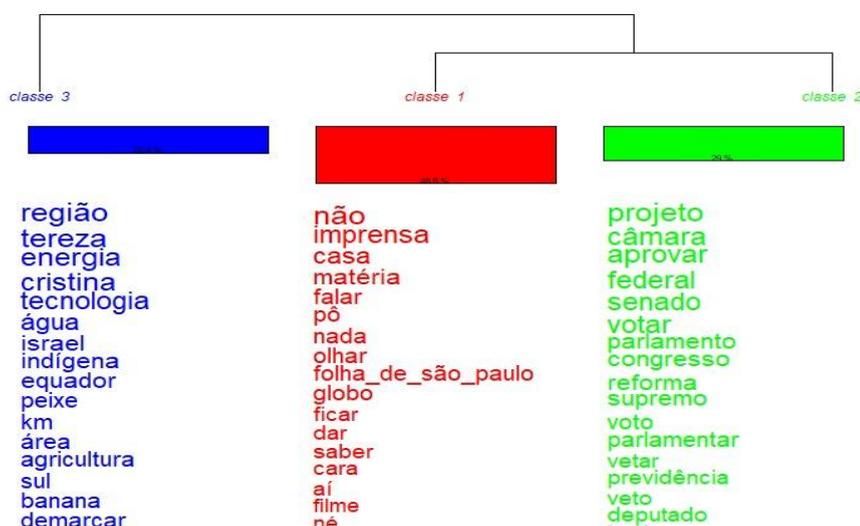
Uma vez realizada a coleta dos 31 vídeos que compõem o corpus, foi iniciado o processo de transcrição auxiliado pela ferramenta *transkriptor*. Concomitantemente a essa transcrição, foi realizado o processo de normatização e adequação do texto do corpus para o processamento no IRAMUTEq. Isto implicou em alterações como: a troca do hífen pelo sinal de underline (_); troca do sinal de porcentagem pelo termo por cento; normatização do termo “Jornal O Estado de São Paulo” para “Estadão”; conexão de termos compostos por meio de *underline* para que estes não fossem separados na codificação⁴ entre outros. Após a segmentação automática, o IRAMUTEq gerou o gráfico de zipf, que indicou a validade da análise do corpus pelo software, uma vez que a maior concentração de dados se aloca no que seria o pico de uma distribuição normal.



O segundo teste que realizamos foi a Classificação Hierárquica Descendente (CHD), onde é possível gerar agrupamentos de palavras (clusters) pela similaridade de aparição nos segmentos e sua relevância estatística. Na CHD o software processou 80.10% do corpus total (o índice mínimo para validade é de 75% do corpus) e classificou os segmentos textuais em três *clusters* distintos. Um deles - a classe 1 - demonstrou como a imprensa e a cobertura midiática foi um tema relevante em suas *lives*, com a palavra imprensa sendo a segunda mais relevante estatisticamente.

⁴Sendo eles: Fake_News; Folha_de_São_Paulo; Correio_Braziliense; Revista_Veja; Carta_a_Capital; Revista_Crusoé; Jornal_O_Globo; Estados_Unidos; Jornal_Valor_Econômico; Primeiro_Ministro; Revista_Época; Eduardo_Bolsonaro.

Figura 1: Clusters do Corpus gerado pelo IRAMUTEq



Fonte: Becerra, B. A., 2023

Uma vez que o objetivo desta pesquisa é analisar o uso do rótulo fake news pelo ex presidente Jair Bolsonaro para deslegitimar a imprensa brasileira (*weaponization*), nosso foco foi direcionado para os termos agrupados no cluster 1 que concentra 48.57% do corpus total processado e contém tanto o termo imprensa, quanto demais terminologias que envolvem o campo jornalístico e seus players.

Importante destacar que a palavra imprensa foi a mais utilizada pelo então presidente para se referir ao campo jornalístico, tendo 90 ocorrências no corpus geral. Destas, 63 vezes estão contidas nos trechos agrupados no cluster 1, registrando um qui-quadrado de 42.7 e P valor < 0.001, cobrindo 21 lives,. Além disso, existem outros termos utilizados enquanto sinônimos. Para fins didáticos, estes e suas frequências totais seguem abaixo:

Tabela 1 - Termos Associados a Imprensa e suas frequências

Termos associados a imprensa	Frequência total (dentro do corpus)	Frequência total (processada pelo app)	Frequência s.t.
Matéria	50	44	40
Notícia	46	32	22

Alguns veículos de imprensa se destacaram no corpus pelo volume de citações. Uma vez que os ataques/weaponization podem ser feitos nominalmente e especificamente a alguns veículos, torna-se relevante a investigação da forma que estes termos tão relevantes estatisticamente são enquadrados e com quais características são associados. Para tanto, inicialmente será exposta uma tabela com os principais players citados⁵:

Tabela 2 - Veículos de Imprensa citados

Principais veículos de imprensa citados	Frequência total (dentro do corpus)	Frequência total (processada pelo app)	Frequência s.t.
Globo	39	26	25
Folha de São Paulo	36	23	23
Jornal O Globo	16	12	12
Estadão	12	10	10
Valor Econômico	11	8	7
Revista Veja	6	5	5
Total	120	84	82

Fonte: BECERRA, B. A., 2023

Dada a relevância estatística do termo fake news demonstrada pelo qui-quadrado de 11,99 e o P valor de aproximadamente 0,00053, - possuindo a frequência total de 39 vezes no corpus processado 24 ocorrências no cluster 1 - geramos uma árvore de coocorrência⁶ que demonstrou uma associação direta entre

⁵ O Correio Braziliense não está na tabela pois, apesar de citado 6 vezes, nenhuma delas foi incluída no cluster de imprensa. Portanto, é estatisticamente irrelevante para esta pesquisa. O mesmo ocorreu com a Carta Capital e SBT citados 3 vezes (nenhuma delas agrupada na classe investigada); e Record citada apenas 1 vez e não inserida no cluster 1.

⁶ Para melhor visualização dos termos relevantes para esta pesquisa, as seguintes classes foram excluídas da construção da árvore de coocorrência: advérbios; pronomes; expressões fonéticas; referências temporais que o presidente realizava em todo início de transmissão; termos que envolvem futebol; e letras soltas sem significância. Sendo elas: não, aqui, aí, né, agora, como, certo, porque, só, dia, até, hoje, tudo, quando, nada, mesmo, depois, pô, menos, cara, último, lado, frente, atrás, senhor, janeiro, dentro, ok, minuto, logicamente, flamengo, rápido, manhã, além, tão, palmeira, kg, seguinte, domingo, terça-feira, etc, atenção, mal, setembro, poxa, tarde, montão, futebol, outubro, porra, quarta-feira, abobra, fluminense, galo, cruzeiro, vasco, embora.

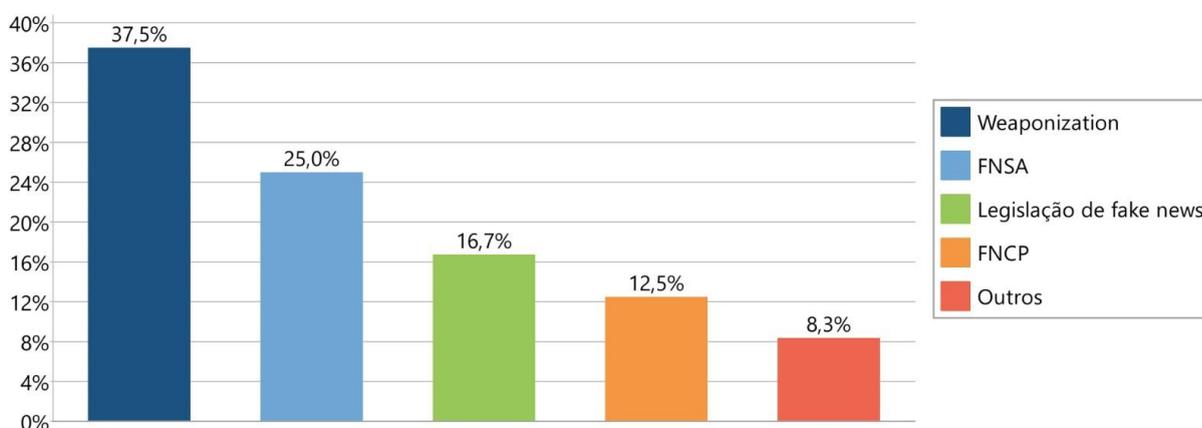
Os segmentos analisados foram classificados em 5 códigos:

1. Weaponization, - que são trechos em que ele acusa diretamente a imprensa ou players dela como propagadores de fake news. Exemplo: *"hoje o TSE decidiu né não houve disparo em massa pelo whatsapp pelo candidato jair bolsonaro porque então houve fake_news da folha_de_são_paulo e depois deu trabalho até ser mas nha que ter uma punição para o pt"*;
2. FNSA (**Acusação de Fake News sem Agente Específico**) - se refere a quando o ex presidente classificava alguma informação como fake news, mas não responsabilizava algum agente específico. Exemplo: *isso aí não é não faz parte da democracia. então, fundão eleitoral... fake_news. Como teve uma fake_news também que eu estaria com câncer então hoje de manhã deve estar rodando por aí um vídeozinho"*;
3. FNCP (**Acusação de Fake News Contra o Presidente**) - se trata dos trechos em que ele acusava *players* políticos de o acusarem de propagar fake news. Exemplo: *"a gente está sendo acusado de fake_news pela imprensa de fora e de dentro do Brasil. Eu sou responsável pelo incêndio. O Brasil todo. Tudo bem, vamos tocar esse barco aí porque é a regra do jogo aqui na mídia_brasileira"*;
4. Legislação Fake News - que são as vezes que o presidente se referia a tramitação de possíveis projetos de legislação sobre a temática da fake news, como no trecho: *"é e essa é a regra do jogo. Sempre foi assim. Semana passada derrubaram o veto dos fake_news. Eu achei um tanto quanto pesado. Eu acho que é pesado 2 a 8 anos de cadeia para quem é porventura replica o fake_news"*;
5. Outros - trechos que não se enquadravam em nenhum dos códigos anteriores.

Os dados demonstraram que em 37,5% das vezes que o presidente Jair Bolsonaro instrumentalizou o termo *fake news* foi como rótulo de enfrentamento

contra a Imprensa brasileira, caracterizando *weaponization*. É significativo também que o código FNSA aparece em 25% dos trechos, uma vez que este também pode vir a caracterizar possível *weaponization* contra outros players. Assim, em quase 63% dos trechos analisados, o termo fake news foi utilizado para questionar a veracidade de uma informação divulgada pela imprensa ou não.

Gráfico 1 - Análise Qualitativa do uso do termo Fake News



Fonte: BECERRA, B. A., 2023

Considerações finais

A terceira onda de populismo no Brasil e no mundo é um fenômeno complexo com diversas imbricações. O contexto da pós-verdade e da disseminação massificada de fake news são fatores fundamentais para a compreensão deste fenômeno político que possui características ideacionais, mas principalmente comunicacionais. A forma que uma liderança, neste caso um presidente, se comunica é capaz de permitir a identificação destas perspectivas. Como proposto por Inglehart e Norris (2019), o estímulo a polarização e dissenso social e o enfrentamento das estruturas democráticas por meio dessas lideranças populistas de terceira onda promovem a fomentação de uma cultura antidemocrática, alinhando essas figuras a um autoritarismo. Além disso, estimula a *cultura do medo* intra socialmente, provocando uma postura bastante reativa aos postos enquanto *eles*, que passam a serem vistos enquanto inimigos.

O enfrentamento das instituições fundamentais da democracia, em destaque as de *accountability* vertical e horizontal⁷, não seria possível sem que, por meio de construções argumentativas e ideacionais, estas e seus interesses fossem posicionados em oposição aos interesses do povo, e por consequência, do líder que encarna suas vontades. Como proposto por Mudde e Kaltwasser (2017), na polarização clássica populista de nós *versus* eles, os líderes da *far-right* posicionam a imprensa, *establishment* político e diversas elites como corruptas e auto interessadas, logo, contrapostas às necessidades do povo brasileiro e passíveis de ataques.

É isso que Jair Bolsonaro faz em suas transmissões ao vivo realizadas semanalmente no primeiro ano de seu mandato presidencial. A imprensa brasileira, enquanto uma instituição de *accountability*, dotada da função de watchdog, - o que a capacita para agir com diversidade de informações, desconfiança e *advocacy*, a fim de proteger a sociedade de possíveis arroubos tirânicos -, (DAHL, 2005; MCQUAIL, 2012; WAISBORD, 2013; NORRIS, 2014) foi frequentemente associada a adjetivos negativos, como: problema, besteira e mentira (voltar a figura 2), e teve a sua própria legitimidade enquanto um sistema perito atacada, tendo em vista que base fundamental para a definição desta enquanto tal é a facticidade. E esta foi por diversas vezes associada, - tanto de maneira nominal, quanto de maneira generalista - à propagação de fake news. Não seria apenas uma ação pontual sendo passível de crítica, mas atacando fundamentalmente sua existência e sua credibilidade dentro da democracia liberal (MIGUEL, 2022).

O uso do rótulo fake news para deslegitimação de opositores e da imprensa foi frequentemente utilizado por lideranças de populismo de terceira onda, em que com uma postura autoritária buscaram fragilizar instituições democráticas de seus países. (FARKAS e SCHOU, 2018; INGLEHART e NORRIS, 2019) No caso específico do *weaponization* contra a imprensa, estudos anteriores demonstram que esta impacta diretamente e negativamente a confiança das audiências em relação aos veículos (LUKAMOTO; FARHALL et al, 2019). Compreendendo os ganhos

⁷ O'DONNELL, 1998

políticos gerados pela fomentação dessa postura de dissenso social e cultura do medo em relação a aqueles posicionados enquanto inimigos pelo populista, é notável que Bolsonaro em 38,5% das vezes que utiliza o rótulo de fake news em suas lives, o utiliza no sentido de weaponization contra a imprensa brasileira, e em outros 25% acusa outros players políticos do mesmo. Isto implica que, em ao menos 63,5% dos casos em que o termo foi instrumentado pelo ex-presidente foi com objetivo de desacreditar, atacar ou se opor a algum tipo de ação daqueles que este considerava sua oposição.

O risco que se corre com esta retórica embebida em valores autoritários, e o constante ataque e deslegitimação das instituições democráticas, é a fomentação de uma cultura autoritária e o desgaste, não só destas instituições, mas da democracia como um todo, como pontuado por Guazina (2020). O estímulo ao dissenso social gera um ambiente de alta polarização e intolerância, fundamentalmente contrapostos ao ideal de uma sociedade pluralista e democrática (INGLEHART e NORRIS, 2019). Como compreendido por Lynch e Casemiro (2022), o ex-presidente Bolsonaro enquanto figura não se esquivou de posicionar de maneira anti modernidade, ufanista e reacionária, o que conflui para a geração deste ambiente político hostil diante do accountability institucional.

Referências

- ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social media and fake news in the 2016 election. *Journal of economic perspectives*, v. 31, n. 2, p. 211-36, 2017.
- ALBUQUERQUE, Alfonso. Um outro "Quarto Poder": imprensa e compromisso político no Brasil. *Contracampo*, [s. l.], p. 23-57, janeiro 2000. DOI <https://doi.org/10.22409/contracampo.v0i04.414>. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17299>. Acesso em: 1 jul. 2022.
- AZEVEDO, F. A grande imprensa e o PT (1989-2014). São Carlos: EDUFSCar, 2017.
- AZEVEDO, F. Mídia e democracia no Brasil: Relações entre o sistema de mídia e o sistema político. *Campinas: Opinião Pública*, ano 1, v. 12, p. 88-113, abril/maio 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/op/a/TzJkgQBnG64hk5QyKCCv5NR/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2022.

- BENNETT, W. L.; LIVINGSTON, S. The disinformation order: Disruptive communication and the decline of democratic institutions. *European Journal of Communication*, v. 33, n. 2, 2018, pp. 122-139.
- BOVENS, M., GOODIN, R. E., SCHILLEMANS, T., NORRIS, P. Watchdog Journalism. *The Oxford Handbook of Public Accountability*, 2014 doi:10.1093/oxfordhb/9780199641253.013.0015
- CAMARGO, B. V; JUSTO, A.M. Tutorial para uso do software de análise textual Iramuteq. 2016. Disponível em <http://www.iramuteq.org/documentation>
- CANOVAN, Margaret. Trust the people! Populism and the two faces of democracy. *Political studies*, v. 47, n. 1, p. 2-16, 1999.
- CANOVAN, Margaret. *Populism*. Nova Iorque: HBJ, 1981.
- DAHL, R. *A Poliarquia*. São Paulo: Editora USP, 2005
- ENGESSER, S., FAWZI, N., LARSSON A. Populist online communication: introduction to the special issue, *Information, Communication & Society*. 2017. DOI:10.1080/1369118X.2017.1328525
- FARKAS, J.; SCHOU, J. Fake news as a floating signifier: hegemony, antagonism and the politics of falsehood. *Javnost – The Public*, v. 25, n. 3, 2018, pp. 298-314.
- FREITAS, Viviane; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. Fake News e o repertório contemporâneo de ação política. *Compólitica*, 2019.
- GIDDENS, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. unesp, 1991.
- GOMES, Ângela de Castro. O populismo e as Ciências Sociais no Brasil. *Rio de Janeiro: Tempo*. vol. 1, nº. 2, 1996, p. 31-58
- LACLAU, E. *Política e ideologia en la teoría Marxista: Capitalismo, fascismo, populismo*. Londres: Verso, 1980.
- MCNAIR, Brian. *Fake news: Falsehood, fabrication and fantasy in journalism*. Oxon, UK: Routledge, 2018.
- MCQUAIL, Denis. *A atuação da mídia: comunicação de massa e interesse público*. Porto Alegre: Penso, 2012
- MIGUEL, Luis Felipe. O jornalismo no novo ambiente comunicacional: Uma reavaliação da noção do "jornalismo como sistema perito". **Tempo Social**, v. 34, p. 195-216, 2022.
- MIGUEL, L. F. Jornalismo, polarização política e a querela das fake news. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia*. v. 16, n. 2. 2019. p. 46-58
- MUDDE, Cas. *The Far-Right Today*. 1. ed. [S. l.]: Polity, 2019.
- MUDDE, Cas; KALTWASSER, Cristobal Rovira. *Populism: A very Short introduction*. 2. ed. USA: Oxford University Press, 2017.
- MAZZOLENI, Gianpietro. Mediatization and Political Populism. In: ESSER, Frank; NORRIS, Pippa; INGLEHART, Ronald. *Cultural Backlash: Trump, Brexit, and Authoritarian Populism*. 1. ed. [S. l.]: Cambridge University Press, 2019.

O'DONNELL, Guillermo. Accountability horizontal e novas poliarquias. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, Brasil, n. 44, p. 27-54, jan. 1998. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-64451998000200003>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ln/a/jbXvTQR88QggqcdWW6vXP8j/?lang=pt>. Acesso em: 1 jul. 2022.

RICCI, P; IZUMI, M; MOREIRA, D. O populismo no Brasil (1985-2019) Um velho conceito a partir de uma nova abordagem. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 36, n. 107. 2021. p. 1-22

SCHROEDER, R. The Dangerous Myth of Populism as a Thin Ideology. In: Populism 3. 2020. p. 13-28

STRÖMBÄCK, Jesper (ed.). Mediatization of Politics: Understanding the transformation of western democracies. 1. ed. [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2014. cap. 3, p. 42-56.

TAMAKI, Eduardo Ryo; BRAGA, Cezar A P; FUKS, Mario. (2021) "A Drop in the Ocean

or a Change in the Weather? Populism in Bolsonaro's Campaign Revisited." Team Populism, Leader Profile Series. Disponível em: [https://populism.byu.edu/App_Data/LeaderProfiles/A%20Drop%20in%20the%20Ocean%20or%20a%20Change%20in%20the%20Weather%20\(2021\).pdf](https://populism.byu.edu/App_Data/LeaderProfiles/A%20Drop%20in%20the%20Ocean%20or%20a%20Change%20in%20the%20Weather%20(2021).pdf). Acesso em: 5 jul. 2022.

VOS, Timothy; SHOEMAKER, Pamela. Gatekeeping Theory. 1. ed. Nova York: Routledge, 2009. 184 p. DOI <https://doi.org/10.4324/9780203931653>. Disponível em: <https://www.taylorfrancis.com/books/mono/10.4324/9780203931653/gatekeeping-theory-pamela-shoemaker-timothy-vos>. Acesso em: 1 jul. 2022.

WAISBORD, Silvio. Populismo e Mídia: O Neopopulismo na América Latina. In: Revista Contracampo, v. 28, n.3, ed. dez-mar, ano 2013. Niterói: Contracampo, 2013. Págs: 26-52

WEFFORT, Francisco Corrêa. O Populismo na Política Brasileira. Rio de Janeiro : Paz e Terra, 1978.